

# Sarney pede discrição a assessores palacianos

CARLOS CHAGAS

Em baixa, o "grupo da copa" não está, mas, por decisão do presidente José Sarney, passa para uma zona de sombra, ou de recato, há algumas semanas. Como auxiliares palacianos de primeiro nível, formando um conjunto dissociado da rotina exercida pelos gabinetes Civil, Militar e SNI, igualmente instalados na sede do Executivo, os integrantes do "grupo da copa" continuam próximos do chefe do governo. Despacham com ele a qualquer hora, no Palácio do Planalto ou no Alvorada, levam-lhe sugestões, recebem expedientes para dirimir dúvidas, são encarregados de casos e de problemas específicos, compõem situações de conflito oriundas de diversos ministérios, isto é, cada um na sua área de ação, atuam.

Mas as coisas já não são como antigamente. Sarney pediu a Luís Paulo Rosenberg, a Jorge Murad, a Célio Borja, a Rubem Ricupero, a Marcos Vilaça e aos demais para que refluissem um pouco. Para que não se mostrassem tanto à imprensa, evitassem declarações e mesmo informações em off, ainda que não os tenha proibido de esclarecer e de informar, sempre que julgarem necessário. Fez isso em função de comentários dos jornais sobre existir, no Palácio do Planalto, um ministério atuante e decisivo. Também tomou essa decisão por conta de reações que se verificavam entre seus próprios ministros.

Se houver um marco para essa nova postura, mais de forma do que de fundo, ele se localizará na posse de Dílson Funaro no Ministério da Fazenda, em substituição a Francisco Dornelles. O ex-ministro enfrentava restrições políticas do PMDB e, também, da *entourage* palaciana, ou seja, do "grupo da copa", por sua ortodoxia nas definições da política econômico-financeira. O próprio presidente fazia reparos à sua ação, ainda que, cautelosamente, não o desprestigiasse. Com o pedido de exoneração de Dornelles e a opção por Dílson Funaro, Sarney entendeu que toda a força deveria ser dada ao novo ministro. E isso implicou num pedido a Luís Paulo Rosenberg para que sasse do foco principal das atenções, o que em nenhum momento significa desprestígio ou isolamento. Simples precaução. Necessidade de respaldar o ministro encarregado dos problemas mais agudos e, com ele, todo o Ministério.

Coisa parecida aconteceu com Célio Borja. Ele funciona, na prática, como o grande auxiliar jurídico-institucional da Presidência da República. Por sua mesa passam decretos, projetos de lei e montagens vindas dos ministérios ou nascidas no Planalto. Cabe-lhe, também, supervisionar as ações e sugestões do ministro da Justiça. Nada mudou, suas tarefas parecem as mesmas, mas, numa espécie de jogada para o palco, isto é, para aqueles que fazem reparos à influência do chamado "grupo da copa", saiu da própria sede do Executivo a notícia de que o ex-deputado seria nomeado para uma vaga de ministro togado do Superior Tribunal Militar. Convidado ele não foi; talvez tenha sido sondado, mas não aceitou ou aceitará. Como nem o presidente abrirá mão de seu concurso.

No ano que vem, não se sabe se em junho, maio ou antes, em função de estar em aberto o prazo para a desincompatibilização dos ministros candidatos às eleições gerais, haverá significativa reforma do Ministério. Célio Borja é um dos nomes naturalmente em condições de fluir da assessoria especial para o comando de uma das pastas abertas. Por natureza recatado, ele age, mas, sempre que pode, dando a impressão de não estar agindo. Coloca-se como um auxiliar sem poder decisório, ainda que seus conselhos, com frequência, prevaleçam no momento em que Sarney toma as decisões.



## Familiares já não se expõem

Jorge Murad continua em posição de influência, como assessor do sogro, mas também refluíu, de algumas semanas para cá. Comenta menos a realidade, especula apenas bissexatamente, recebe pouco a imprensa e procura diminuir a existência do "grupo da copa". Sua mulher, Roseane Sarney Murad, cuida do pai e do presidente, é funcionária eficiente, mas fica cada vez mais difícil vê-la expedindo opiniões. Se o faz, e certamente o faz, é nas horas de recolhimento familiar.

Rubem Ricupero, assessor para assuntos de política externa, redobra de cuidados para não parecer estar colocado entre o presidente e o Itamaraty. Entende como poucos dos temas que lhe são afetos e prefere a posição discreta de diplomata na assessoria presidencial à de assessor presidencial para o Itamaraty. O que mais ou menos dá no mesmo. Participa da elaboração de textos que vão a Sarney, para a redação de seus pronunciamentos internacionais sempre em entendimento permanente com o gabinete do ministro Olavo Setúbal mas ajudando nas palavras finais.

Em suma, vale a repetição, o fundo permanece. A forma parece estar mudando.

Não era objetivo do presidente ver sua assessoria especial assumir funções paralelas ao Ministério. Só que os fatos contribuíram para que assim acontecesse, desde que Sarney passou de substituto a sucessor. Afinal, o Ministério que encontrou não era nem seria o seu, apesar de por

decisão própria tê-lo mantido integralmente, com a única defecção de Dornelles. Se motivos de ordem operacional e administrativa exigiam que a Presidência da República se aparelhasse, dispondo de auxiliares competentes e capazes de ajudar o chefe do governo em sua permanente função de decidir, também determinantes políticas contribuíram para a imediata formação do grupo paralelo, dito "da copa". Sarney precisava e precisa de gente de sua escolha e de sua intimidade. Apenas os chefes dos Gabinetes Civil, Militar e do SNI, envolvidos, com seus auxiliares, na rotina administrativa, não bastam para dar vazão às necessidades do novo governo. O presidente aproveitou os dois fatores para criar o que ficou sendo chamado de o "grupo da copa", do qual fazem parte, ainda, Marcos Vilaça, Edison Vidigal, Fernando César Mesquita e Luís Guttemberg, os dois últimos responsáveis pelo sistema de comunicação social.

Uma evidência de que os assessores especiais continuam influenciando está em que cinco deles acompanharão o presidente Sarney a Nova York, para onde embarca sábado pela manhã: Célio Borja, Rubem Ricupero e Jorge Murad seguirão com ele, já tendo viajado Fernando César Mesquita e Luís Guttemberg. A anotar, dessa semimetamorfose do processo de exercício do poder, versão Nova República, está que, desde o começo do mês, e provavelmente por muito tempo, o "grupo da copa" vai procurar não aparecer na sala, como vinha acontecendo. Mas continuará servindo as refeições.